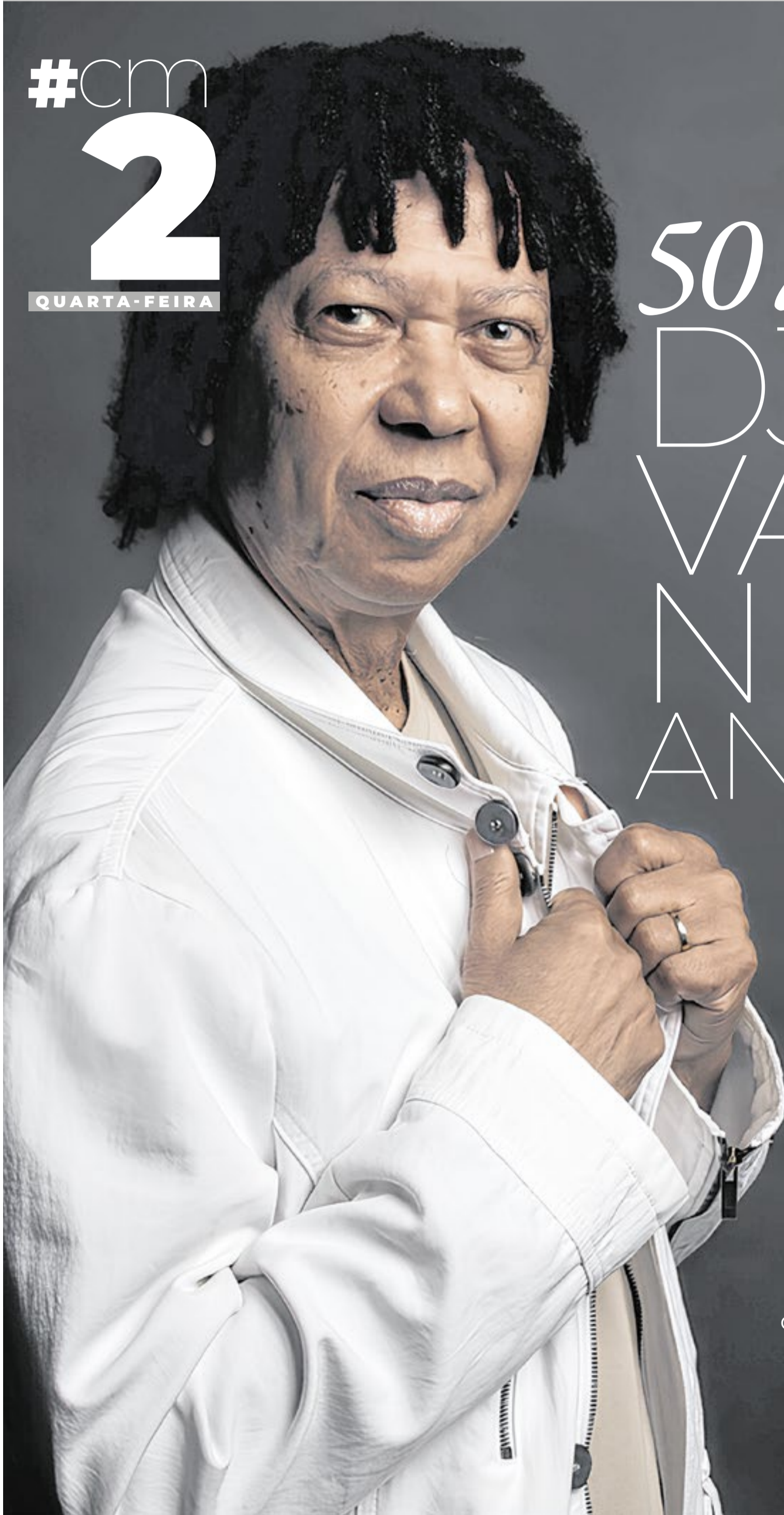


#cm  
**2**

QUARTA-FEIRA

*50 anos*  
DJJA  
VA  
NE  
ANDO

Avesso à autocelebração, Djavan se permite olhar para trás em turnê comemorativa de suas cinco décadas de carreira em turnê comemorativa que tem início nesta sexta (8) em São Paulo. Páginas 2 e 3



# 'Também quero ficar feliz. Quero momentos em que eu me sinta bem cantando'

Djavan comenta como é equilibrar a equação entre as canções que os fãs querem ouvir e o que ele deseja cantar nas apresentações ao vivo

LUCAS BRÊDA Folhapress

**D**javan está sentado no meio da pista da Farmasi Arena, casa de espetáculos da Barra, sem público. O palco de sua próxima turnê, "Djavanear 50 anos. Só Sucessos", está todo montado, com sua banda em ação. Com um microfone em mãos, o cantor dirige à distância o conjunto no 39º ensaio do novo show. "Essa confusão é até boa, sabia?", ele diz, após ser alertado por Paulo Calasans, veterano pianista de sua banda, de que os tambores na introdução de "Sina" não estavam em sintonia com os outros instrumentos. Não adiantou. Djavan manteve a escolha estética mais ruidosa. "Não tem problema nenhum. Essa confusão eu adoro. Vamos de novo para ver como fica?"

Aos 77 anos, o artista alagoano, um dos grandes da história da MPB, quer botar alguma confusão em uma turnê que é praticamente um jogo ganho. Com estreia marcada para São Paulo nesta sexta-feira (8), no estádio Allianz Parque, a turnê é um raro momento em que Djavan se permite revisitar os muitos sucessos de seus 50 anos de carreira. Sem parar de lançar discos de inéditas, a cada três ou quatro anos, e fazer turnês para promovê-los, ele acha até difícil montar um repertório só com suas canções mais conhecidas.

"Tem uma música ou outra que forcei a barra para cantar, porque eu estava precisando cantar alguma coisa que não fosse tão manjada", ele afirma, minutos após o ensaio de mais de duas horas, já no camarim.

A dificuldade, diz Djavan, é desenhar um roteiro "que corresponda ao objetivo central, mostrar ao povo o que ele quer ouvir", e ao mesmo tempo motivá-lo enquanto artista. "Antes tem eu", diz. "Também quero ficar feliz. Quero momentos em que eu me sinta bem cantando."

Por essa razão, ele convidou algumas penetas para a festa de gala - há três lados B escondidos no meio do repertório que beira as 30 faixas. São elas "Cordilheira", que ele nunca apresentou ao vivo, "Me Leve", que ele cantou pouquíssimas vezes em shows, e "Quase de Manhã", a que ele mais quer interpretar.

Essa última foi lançada em

“Tem uma música ou outra que forcei a barra para cantar, porque eu estava precisando cantar alguma coisa que não fosse tão manjada” **DJAVAN**

1986, em "Meu Lado", disco que Djavan define como complicado. Ele havia gravado e mixado o álbum nos Estados Unidos, mas quando voltou ao Brasil e ouviu, detestou o resultado. "Cheguei na Sony e disse 'quero mixar de novo'. Eles quase enlouquecem, né? Mixei de novo e a que saiu foi a feita aqui."

"Quase de Manhã" teve participação do respeitado saxofonista David Sanborn, que tocou com Stevie Wonder e David Bowie.

Djavan, depois, em 1989, tocou com ele no programa Sunday Night, exibido nos Estados Unidos pela NBC. A performance da canção "Asa", curiosa por mostrar os músicos americanos tentando dialogar em alto nível com a musicalidade do alagoano, hoje tem milhões de views no YouTube e ressurgiu de tempos em tempos nas redes sociais.

Por que ele escolheu especificamente essas três músicas? "Não sei. É uma obra tão grande, onde

o próprio lado B já não é tão B quanto já foi, né?", afirma o cantor. "A 'Quase de Manhã' foi [minha] grande conquista, porque ninguém queria - nem o pessoal lá de casa. Não é tão conhecida, mas é animada, tem um astral. E me alegra muito tê-la, porque fica muito burocrático para mim se não tiver essas tangentes."

Isso não significa que Djavan não se divirta cantando seus hits 'pelo menos em algumas ocasiões. Se este repórter fosse até a casa do

cantor, ele diz, com certeza não o ouviria cantando "Flor de Lis", mesmo que pedisse muito. "Não teria a menor motivação."

Mas em cima do palco para milhares de pessoas - caso da próxima turnê, que passa por estádios e grandes arenas -, a história é outra. "Porque não só tem a emoção do público, como a participação dele, que me motiva muito", diz o cantor. "A música não perde a motivação porque o povo não deixa. Cantar 'Flor de Lis' para cinco ou 50 mil pessoas é um espetáculo, uma maravilha. Aquilo se transforma."

Como "Flor de Lis", um dos grandes hits de Djavan, há várias outras. O show vai de "Samurai" a "Eu te Devoro", de "Oceano" a "Açaí", de "Azul" a "Lilás". Tantas que não coube tudo. Entre as suas músicas mais tocadas no Spotify e mais gravadas no Ecad, algumas poucas ficam de fora, casos de "Uma Brasileira", "Faltando um Pedaco", "Esquinas" e "Capim".

Essa última é uma das várias que foram ensaiadas e acabaram fora do repertório. Mas ela ainda pode pintar em algum dos próximos shows. Para Djavan, o roteiro de uma apresentação só fica definido após duas ou três datas de turnê adentro.

É pouco provável, no entanto, que o cantor deixe de tocar os dois singles de "Improvisto", seu álbum mais recente, lançado no ano passado. São eles "Um Brinde" e "O Vento", esta última uma composição do artista gravada por Gal Costa em 1987, e que agora ele deu sua interpretação. Isso porque o disco acabou ficando sem uma turnê correspondente, atropelado pelo giro de 50 anos.

Celebrar a própria trajetória não é algo comum para Djavan, mas ele tem um sentimento de gratidão por alcançar a efeméride. Ele sente como uma dádiva o fato de ainda ter uma voz potente, que resistiu a exaustão de dois meses de ensaios de até quatro horas de duração, isso em meio a uma série de exercícios físicos e de preparação vocal.

"São 50 anos de carreira, e estou inteiro. Estou mentido?", ele diz. "Minha felicidade de estar nesse momento agora deve-se muito ao fato de eu ter uma saúde maravilhosa, e a minha voz estar boa. É um presente de Deus."

Ainda assim, perguntado se queria contar alguma história da sua vida com o roteiro do show, Djavan riu e disse que "não precisa". "Tem esse negócio [o musical 'Vidas para Contar'] que está aí fazendo sucesso. Agora estão querendo fazer um filme. Não me deixam em paz com esse negócio. Não, não precisa."

A história que a ordem das músicas conta, ele afirma, não é linear, cronológica e nem relacionada a sua vida pessoal. A estrutura, com telões de grande dimensão



## CORREIO CULTURAL



Divulgação SBT

Boris revela que deseja se aposentar na emissora

## Boris Casoy volta ao jornalismo do SBT

Boris Casoy está de volta no SBT após 29 anos longe da emissora. A notícia foi oficializada pela emissora. O veterano jornalista passa a ser comentarista do "SBT News", até de ter o "Jornal do Boris", que será exibido no canal no YouTube do SBT.

A reestreia acontece em 18 de maio. Ele deixou a emissora em 1997. Em comunicado oficial, Boris celebrou o retorno. O jornalista revelou

o desejo de se aposentar da carreira na TV na emissora.

"É um momento de extrema felicidade para uma pessoa da minha idade, com 85 anos, ter o trabalho reconhecido e estar sendo contratada pela empresa onde comecei profissionalmente no jornalismo televisivo. Imagino que vou encerrar a minha carreira dentro do SBT. Ainda tenho muita lenha para queimar", afirmou.

## Quando Shakira foi cupido

O show de Shakira em Copacabana movimentou até os aplicativos de relacionamento. Dados do Tinder indicam que o número médio de "matches" aumentou 20% no Rio durante o evento de sábado (2). Segundo a plataforma, houve ainda crescimento de cerca de 5% na atividade de curtidas e de 6% no volume de likes recebidos pelos usuários na cidade. O movimento coincidiu com o aumento de menções à artista nas biografias dos usuários. No Brasil, esse tipo de referência cresceu mais de 235% desde que o show foi anunciado.

### Para a Madrinha

O cantor e compositor Enzo Belmonte dá início ao lançamento de seu novo projeto audiovisual, "Obrigado, Madrinha! Um Tributo à Beth Carvalho", com o single "Uma Rainha no Céu". O clipe está disponível no YouTube e chega às plataformas de áudio nesta sexta (8).

### Para a Madrinha II

E Leo Russo, outro afilhado, lança "Obrigado, Beth Carvalho", samba inédito que nasce como um gesto de gratidão e memória: "Cantei essa música pra ela no apartamento dela. Ela mesma filmou, como sempre fazia, e ficou muito emocionada. Foi um momento muito forte!"

### Prince supera Hendrix em lista de solos

A Rolling Stone divulgou sua lista dos 100 maiores solos de guitarra de todos os tempos e colocou "Purple Rain", de Prince (foto), no topo. Segundo a publicação, o critério adotado privilegiou execuções que redefiniram o papel do solo dentro da canção, independente de seu sucesso nas rádios. "Machine Gun", de Jimi Hendrix, e "Hotel California", do Eagles, seguem Prince.



Divulgação



Larissa Moraes/Divulgação

Arnaldo Antunes e José Miguel Wisnik no estúdio durante as gravações da versão em voz e piano para 'Átimo de Som', parceria da dupla composta originalmente para Gal Costa

# Duetos de encanto com convidados (mais que) especiais

José Miguel reúne Arnaldo Antunes, Caetano Veloso, Djavan, Renato Braz e Sophie Charlotte em 'Mais Simples', EP com releituras de algumas de suas pérolas

### AFFONSO NUNES

José Miguel Wisnik lança um olhar especial sobre sua obra ao lançar "Mais Simples", um EP que reúne cinco de suas canções interpretadas por diferentes artistas. O projeto, disponível nas plataformas de streaming, foi anunciado progressivamente através de singles lançados desde janeiro.

O primeiro, "Mais Simples" (janeiro), trouxe Caetano Veloso com acompanhamento do violão de Tom Veloso. Em fevereiro, chegou "Pérolas aos Poucos" com Djavan, uma gravação ao vivo de um show em São Paulo realizado vinte anos antes. O terceiro single, "Se Meu Mundo Cair" (abril), apresenta Renato Braz acompanhado ao piano pelo próprio Wisnik e com registro em videoclipe disponível no YouTube de compositor. "Cacilda", com Sophie Charlotte, e "Átimo de



Divulgação

Som", com Arnaldo Antunes, Marina Wisnik e Guilherme Kastrup, completam o belo projeto.

Vencedor do 5º Prêmio Visa de Música Brasileira em 2002 e reconhecido como uma das mais belas vozes masculinas brasileiras, Renato Braz havia gravado a música antes com o maestro Nelson Ayres. "Eu adoro essa música, mas só gravei agora. Ela ficou meio adormecida. Cheguei a cantar várias vezes com o maestro. Virou nosso hit. Em todo

lugar, eu a cantava. 'Se Meu Mundo Cair' era nosso amuleto", recorda Braz.

O encontro em estúdio com Wisnik aconteceu após um evento em memória de José Celso Martinez Corrêa no Sesc, onde Braz cantou a música no ensaio. "As pessoas ficaram comovidas no teatro. Decidimos gravar em estúdio e ela ganhou uma vida nova. Eu nunca tinha tocado com o autor, sempre toquei com Nelson. Zé Celso nos uniu nessa", explica Braz, que, em 2012, já havia gravado outra canção de Wisnik, "O Primeiro Fole" (em parceria com Marcelo Jeneci), no álbum "Casa de Morar".

Wisnik manifesta admiração profunda pelo intérprete. "Quando acompanhei Renato Braz ao piano em 'Se Meu Mundo Cair', num evento em memória de Zé Celso, senti o chão tremer. Passo a passo, ele levou a canção às alturas. Me impressiona que faça isso com muita naturalidade e simplicidade, como se fosse normal. Ele atinge a pungência sem nenhum esforço, e essa é uma das coisas que me impressionam nele. É um cantor especial. Vai ao sublime como se fosse até a esquina", afirma o compositor.

"Cacilda", interpretada por Sophie Charlotte, foi originalmente composta para a trilha da peça "Cacilda!", de 1998, em homenagem à vida e à arte da atriz Cacilda Becker. "Átimo de Som", com Arnaldo Antunes, Marina Wisnik (filha do compositor) e Guilherme Kastrup, é uma parceria com o ex-titã composta especialmente para Gal Costa, sendo lançada como faixa-bônus do álbum "Estratosférica" (2015).

O EP "Mais Simples" é um projeto de direção artística de Wisnik que celebra seu próprio cancionário através de intérpretes que lehe tocam fundo. Pianista, compositor e ensaísta, Wisnik é conhecido por canções de rara sofisticação harmônica e lírica. O EP revela novas camadas de sensibilidade às criações deste compositor singular e tão necessário à música popular brasileira.



O espetáculo 'Cartas para Gonzaguinha' atualiza as lutas da sociedade brasileira, pois o artista estraia envolvido nelas

**H**á mais de quarenta anos, Gonzaguinha (1945-1991) lançou uma pergunta ao público: "O que é a vida?". As respostas que recebeu viraram versos de um clássico da música popular brasileira. Agora, o musical "Cartas para Gonzaguinha" traz novamente essa conversa entre o artista e o povo brasileiro para o palco do Teatro João Caetano, em curta temporada.

O espetáculo, que já foi assistido por mais de 22 mil pessoas desde sua estreia há oito anos, monta em cena 17 atores e uma banda ao vivo para contar a história por trás da composição de "O que é, o que é?" — uma das canções mais icônicas da carreira de Gonzaguinha, que morreu precocemente em um acidente automobilístico.

O musical apresenta sucessos como "Sangrando", "Explode coração", "Eu apenas queria que você soubesse", "Grito de alerta" e "Recado", além de canções nunca lançadas pelo compositor. A direção é de Rafaela Amado, o texto de Thiago Rocha e a direção musical de João Bittencourt. Entre os instrumentistas da banda está Nanan Gonzaga, filha de Gonzaguinha e neta de Luiz Gonzaga — o Rei do Baião. Nanan também assina a pesquisa de dramaturgia do espetáculo.

Nascido Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, Gonzaguinha começou a trilhar sua carreira artística no fim dos anos

1960, integrado ao Movimento Artístico Universitário (MAU), sediado na Tijuca, ao lado de compositores como Aldir Blanc e Ivan Lins. Ao longo de duas décadas, consolidou-se como um dos principais nomes da MPB, explorando temas de resistência social

# As lutas de ontem, hoje e sempre

Musical 'Cartas para Gonzaguinha' resgata as ideias do saudoso cantor e compositor, um porta-voz dos anseios do povo brasileiro

“Gonzaguinha era humano. Queremos trazer a simplicidade do olhar dele quando fala das pessoas do cotidiano”

JOÃO BITTENCOURT

e humanismo em suas composições. "O Que É, O Que É?" tornou-se um dos hinos da luta pela redemocratização do Brasil no início dos anos 1980.

O espetáculo recria o contexto histórico dessa criação coletiva. A narrativa se passa em 1981,

quando o país retomava lentamente a democracia, ainda sob forte repressão. Nesse cenário, Gonzaguinha publica em uma revista a pergunta que mobilizaria seus fãs: "O que é a vida?". Trabalhadores urbanos, operários, pessoas comuns respondem ao chamado. Suas respostas — criativas, sinceras, esperançosas — transformam-se em versos. O musical mostra essas "dores e delícias" daqueles que ousam sonhar com "feijão na mesa e sorriso nos lábios", conforme a descrição do espetáculo.

Para João Bittencourt, diretor musical, o projeto busca resgatar a simplicidade do olhar de Gonzaguinha sobre as pessoas do cotidiano. "Gonzaguinha era humano. Queremos trazer a simplicidade do olhar dele quando fala das pessoas do cotidiano", afirma. Rafaela Amado complementa: "Gonzaguinha fala ao coração do povo brasileiro, e nós esperamos que o público se emocione e cante junto com a gente essas canções tão icônicas". A proposta é que o público não apenas assista, mas participe — cantando e se reconhecendo nas histórias que o musical apresenta.

## SERVIÇO

### CARTAS PARA GONZAGUINHA

Teatro João Caetano (Praça Tiradentes, s/nº — Centro)  
De 9 a 31/5, às quintas e sextas (19h), sábados (17h) e domingos (16h)  
Ingressos a partir de R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

## ENTREVISTA | VIRGINIE EFIRA

ATRIZ

# 'Atores se prendem às personagens, mas o essencial é em que estado a direção te coloca'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

**A**niversariante da semana, com 49 aninhos completados no dia 5, a belga Virginie Efira terá duas chances de sair do 79º Festival de Cannes com o prêmio de Melhor Interpretação. A disputa pela Palma de Ouro começa terça-feira que vem (12) e segue até dia 23, conferindo o desempenho dessa estrela europeia sob a direção do japonês Ryūsuke Hamaguchi ("Soudain") e do iraniano Asghar Farhadi ("Histoires Parallèles"). Os dois ganharam Oscars. Já ela venceu o César, o Oscar dos franceses, em 2023, por "Memórias de Paris". Trabalhou em produções com status de cult, como "Benedetta" (2021) e "Elle" (2016), ambos do holandês Paul Verhoeven. Antes de se firmar como uma das atrizes francófonas mais prolíficas da atualidade, apresentou programas de TV de diferentes estéticas.

Nesta entrevista, concedida ao Correio da Manhã em visita ao Festival de Marrakech, no Marrocos, Virginie avalia o aprendizado que o cinema lhe dá, filme após filme.

**Os dois filmes que te levam à composição oficial de Cannes este ano têm a assinatura de diretores que não pertencem à Europa. Como é a experiência de explorar outras hipóteses de representação de sua identidade através de outras culturas?**

**Virginie Efira** - É difícil fazer criações paralelas bem-sucedidas dentro da indústria, sobretudo fora dos EUA, da França. Mas quando você trabalha com Asghar Farhadi e Ryusuke Hamaguchi, há um cinema livre. E a forma como a França financia os filmes... é outra coisa. É um sonho. Admiro como a França financia filmes, por estimular a liberdade. E com eles, em filmes que, de alguma medida também são franceses, encontro formas de trabalho distintas, que me exigem muita leitura, que exigem um estado de espírito. Hamaguchi tem percepção plena do que está acontecendo. Com ele, um filme não é só "ação" e "corta". Começa antes, ao pensar o plano. Farhadi também pensa os planos muito antes de rodar. Com ele, há menos liberdade para o ator, muito menos. Você precisa encontrar seu lugar dentro de um plano perfeitamente desenhado. Aí quando encontra...

**Você tem dito publicamente que foi uma grande honra conhecer Ryusuke Hamaguchi e filmar "Soudain" com ele. O que mais te encantou nesse processo?**

Ele é hoje um dos maiores formalistas do cinema. O que ele consegue dizer sobre a sociedade e a intimidade é impressionante. A maneira como ele reúne uma equipe e cria uma espécie de mundo paralelo, próprio, é singular. Ele simplesmente coloca a câmera no melhor lugar possível para observar a vida. É simples e, por isso, é incrível. Em "Soudain", eu tinha muito texto em francês para aprender, e também em japonês.

**Você emplacou um cult, no ano passado, sob a direção de Rebecca Zlotowski e ao lado de Jodie Foster, que foi "Vida Privada". Rebecca é um dos medalhões autorais que têm passado pela sua carreira. O que você tem tirado de melhor dessas parcerias com cineastas de grife?**

Às vezes, os atores se prendem às personagens, mas o essencial é em que estado a direção te coloca, com o que as e os cineastas te alimentam antes mesmo das cenas. É por aí que você entra num determinado mundo e sente o coletivo. Ao vibrar nesse estado, você não se limita só à sua pequena parte num grande set. Eu filmei com Paul Verhoeven (o longa "Benedetta", de 2021), outro cineasta imenso, e, com ele, você aprende a se desfazer do ego, a entender que o filme não é sobre o ator... é algo maior do que você. Com grandes diretores, a gente observa um trem inteiro passando diante de nós. Quanto mais filmes eles fazem, menos precisam falar com os atores. Eles confiam. Entendem que o



B. Dauchez/FIFM

**“Admiro como a França financia filmes, por estimular a liberdade. E com eles, em filmes que, de alguma medida também são franceses, encontro formas de trabalho distintas, que me exigem muita leitura, que exigem um estado de espírito”**

elenco pode alimentar um filme. É o caso com Rebecca Zlotowski.

**Como se deu o processo com ela em "Vida Privada"?**

Rebecca está no campo da compreensão íntima do trabalho de um intérprete. Quando há intimidade, admiração, afeto, não há necessidade de falar muito. Há continuidade. Com Justine Triet (diretora do oscarizado "Anatomia de uma Queda", com quem Virginie filmou "Na Cama com Victoria" e "Sibyl"), descobri a prática de trabalho que

me interessa. Antes eu fazia filmes mais comerciais, comédias. Com ela encontrei outra ligação. Às vezes eu preciso mais entender o filme do que a personagem.

**Existe um "método Efira" de atuação?**

Meu método é me adaptar. Depende do diretor. Estudo é indispensável. Quando você decide fazer uma personagem, abre algo dentro de você para deixar entrar coisas: de um filme que viu, de uma memória recordada. Você precisa confiar nisso. Você trabalha sem dizer "estou

trabalhando". Às vezes, dependendo do filme, há um trabalho mais definido. Com Rebecca Zlotowski, há quase uma psicanálise da personagem, para se chegar a imagens mentais de quem aquela pessoa é. Mas é importante preservar o mistério e o segredo das suas personagens. Aprendi isso com Verhoeven. No set, ele sempre diz "talvez seja assim, talvez não". Em "Benedetta", ele filmava e dizia "talvez seja culpada, talvez inocente". Eu tinha o meu próprio filme na cabeça. Liberdade total. Dizem "ação" e você vai, como se uma mão invisível te levasse.

# Independente e audaz ao gosto da 'terrinhã'



Um dos festivais de maior prestígio da Europa, o IndieLisboa garimpa jazidas autorais daqui até domingo, com filmes brasileiros em sua competição e com resgate do cult 'Zelig'

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**A**té domingo, a cabeça de nossos patricios cinéfilos lá na Lusitânia estará tomada pelas graças do IndieLisboa, um dos mais audaciosos festivais da Europa, na atualidade, na celebração das estéticas que desafiam algoritmos em prol da invenção. Faz da sala São Jorge e do Culturgest suas sedes de exibição. Sua edição atual começou no dia 30 de abril, com "The Loneliest Man in Town", uma delícia austríaca de Tizza Covi e Rainer Frimmel com foco num bamba do blues cujos acordes não afastam o fantasma da gentrificação. Para o desfecho da maratona lisboeta, no dia 10, a atração escolhida foi "The History of Concrete", um documentário dirigido pelo comediante John Wilson.

Até lá, tem muita coisa de peso quicando nas vistas dois portugueses, a se destacar "Another Other", de Bex Oluwatoyin Thompson, com a lenda Wesley Snipes às voltas com uma trama sobre racismo institucional. É um dos achados da competição internacional de 2026, que não esqueceu do Brasil.

Concorre por lá um dos destaques nacionais da última Berlinale, em fevereiro, "Fiz Um Foguete Imaginando Que Você Vinha", de Janaína Marques. Ao longo de seus 92 minutos, fala-se com doçura (e criatividade) sobre o querer materno. Na trama, Rosa está dentro de uma máquina de ressonância magnética. Pedem-lhe que pense numa memória feliz, algo que ela não tem. Está na hora de construir uma boa recordação, recuando à infância, quando sua mãe foi presa, acusada de homicídio. E ei-las, num devaneio realista, pelas estradas de terra batida. Veronica Cavalcanti e Luciana Souza brilham no elenco.

Na briga de curtas, tem Brasil no páreo também. Concorremos com a coprodução suíça "O Rio de Janeiro Continua Lindo", de Felipe Casanova; com "Certas Formas", de Luiz Afonso Morêda, e com "Os Arcos Dourados de Olinda", de Douglas Henrique, que venceu o É Tudo Verdade.

Dedicada à prata da casa, a



'Fiz Um Foguete Imaginando Que Você Vinha' passou pela Berlinale e saiu de lá com uma láurea da imprensa alemã



'A Conference of The Birds': Alemanha na competição lusitana



'Os Arcos Dourados de Olinda' venceu o É Tudo Verdade 2026

Competição Portuguesa deste IndieLisboa traz Catarina Mourão a desbravar os Açores, em "Os Bravos", e Francisca Alarcão a desafiar a geometria dos umbigos em "O". Nesta seara lusa, o ator catarinense

Ivo Müller tem chance de arrebatar aplausos com seu desempenho em "Fractais Tropicais", de Leonardo Pironi. Trata-se de uma jornada interestelar, na qual um grupo de cientistas estuda os últimos vestí-

gios vivos da Terra. A inteligência artificial Museo se torna um portal dos diários dessa tripulação e um arquivo fragmentado da humanidade. Na Terra, aquele que se acredita ser o último dos humanos percorre um planeta em ruínas que se vai recuperando, pouco a pouco, do apocalipse sofrido.

Nesta quarta, o IndieLisboa mata as saudades que a gente tem dos tempos em que o (ex-)casal Mía Farrow e Woody Allen viviam uma sinergia inventiva com "Zelig" (1983), sobre um homem que acredita mudar de forma em meio aos grandes eventos da História. A produção faz parte de uma retrospectiva sobre mockumentary, o falso documentário.

Esta noite, no concurso oficial, a Alemanha pede passagem ao IndieLisboa com "Conference of the Birds", de Amin Motalebzadeh. Em seu roteiro, um treinador de uma equipe de futebol morre. Mas este não é um homem qualquer, deixando um lastro de luto e desorientação. O que se segue é tudo menos um conjunto de disputas contratuais para a contratação do seu substituto; aqui o futebol (ou os seus bastidores) é apenas o cenário para um conflito sobre o futuro de uma geração. Uma série de encontros e situações surreais toma lugar.

Títulos badalados em outros festivais do Velho Mundo sempre

têm espaço no IndieLisboa, como "Folha Seca" ("Dry Leaf"), de Alexandre Koberidze, egresso da Geórgia. Ganhador do Prêmio da Crítica do Festival de Locarno, onde recebeu ainda uma menção honrosa do júri oficial, essa aventura metafísica parte do sumiço de uma fotógrafa. A última informação que se tem da moça é que ela estava fotografando estádios de futebol rurais em aldeias georgianas. Seu pai, Irakli, parte em busca da garota, viajando de um lugar para outro. O melhor amigo da jovem, que é considerado uma pessoa invisível (literalmente), também parte para ajudar, neste estudo sobre a atomização de subjetividades.

Bem-sucedido por onde passa, "Garça-Azul" ("Blue Heron"), de Sophy Romvary (Canadá/ Hungria), ganhará os holofotes do IndieLisboa nesta sexta. Pannel de angústias geracionais, este drama sobre amadurecimento e aceitação familiar rasga corações ao falar de desamparo. Tudo se passa no fim da década de 1990, quando Sasha, de oito anos, e sua família de imigrantes húngaros, mudam-se para uma nova casa, em Vancouver. Seu recomeço é interrompido pelo comportamento cada vez mais perigoso de Jeremy, o filho mais velho, que esbanja desconforto diante do Novo Mundo.

Nota-se, diante desse cardápio, que não falta diversidade ao IndieLisboa.

Divulgação

Divulgação

Divulgação



Jorge Maruta/USP Imagens

Milton Santos foi referência mundial nos estudos de geografia

# Milton Santos, 1000

Ideias do geógrafo morto em 2001 seguem como referência dos mais variados estudos de análise sócio-econômicas no Brasil e no mundo

**E**m meio às grandes redes de supermercados em São Luís, no Maranhão, surgem mercadinhos e feiras populares adaptados à realidade de quem tem poucos recursos. O contraste entre os tipos de estabelecimentos e os modos de consumo revelam dinâmicas de exclusão e de desigualdade na cidade. O cenário foi objeto de estudo de Livia Cangiano, pós-doutoranda na Universidade de São Paulo (USP), e professora colaboradora na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Ela recorreu a uma teoria formulada na década de 1970 por Milton Santos. Neste mês são comemorados os 100 anos de nascimento do geógrafo. Ele faleceu em 2001, aos 75 anos, mas suas ideias continuam sendo referências para análises socioeconômicas no Brasil e no mundo.

A teoria de Milton divide a economia urbana em dois circuitos: superior, concentrado nas grandes empresas, com alto nível de tecnologia, capital e organização; e inferior, formado por pequenos comércios e serviços, com menor acesso a recursos, mas altamente adaptável às necessidades da população. “É muito difícil para as pessoas da periferia deixarem o espaço onde vivem e se deslocarem até o centro para consumir. As populações que vivem na

periferia abrem seus próprios comércios, quitandas, mercadinhos, pequenas lojas”, diz Livia. “Para dar um exemplo, nesse circuito inferior, pensando em alimentação, é o lugar onde a pessoa que não consegue comprar a dúzia do ovo, consegue comprar um ovo apenas. Eles vendem separadamente. As formas de comércio são menos endurecidas do que em uma grande rede supermercadista”, exemplifica a pesquisadora que integra um projeto que aplica as ideias de Milton às dinâmicas urbanas em Gana, na África, e em Londres e Paris.

Milton Santos nasceu em 3 de maio de 1926, em Brotas de Macaúbas (BA), e se tornou um dos principais nomes da geografia mundial. Ele concluiu o bacharelado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o doutorado na Universidade de Strasbourg, na França.

Exilado durante a ditadura, lecionou em universidades na Europa, África e América Latina, antes de retornar ao Brasil, onde consolidou sua produção intelectual. Foi professor da UFRJ e da USP. Negro, enfrentou o racismo estrutural dentro da academia e construiu uma obra que redefiniu a forma de compreender o espaço geográfico, articulando economia, política e sociedade.

Ele se tornou inspiração e referência para outros intelectuais

“*Nunca na história da humanidade houve condições técnicas e científicas tão adequadas a construir o mundo da dignidade (...) essas condições foram expropriadas por um punhado de empresas que decidiram construir um mundo perverso*”

MILTON SANTOS

negros, como a também geógrafa Catia Antonia da Silva, professora da UERJ. “Eu sou uma mulher negra de 60 anos. Entrei na UFRJ na década de 80, onde a maior parte dos meus colegas na universidade não eram negros. Então, o Milton foi muito importante para a minha formação, não só do ponto de vista cognitivo e técnico, mas também na dimensão humana”, diz Catia.

A professora explica que a obra de Milton não trouxe como tema central a negritude, nem a dimensão política da relação entre classe social e raça. Porém, ele produziu uma teoria social crítica das desigualdades que ajuda a analisar as questões raciais. E nunca ignorou o tema quando era necessário se posicionar na vida pública. “Ele dizia que o fato de ser um professor

universitário não o impediu de viver experiências de racismo. Falava que os negros precisavam ter um esforço muito maior para o seu trabalho ter legitimidade”. “Eu creio que é difícil ser negro e é difícil ser intelectual no Brasil. Essas duas coisas, juntas, dão o que dão, não é? É difícil ser negro porque, fora das situações de evidência, o cotidiano é muito pesado para os negros. É difícil ser intelectual porque não faz parte da cultura nacional ouvir tranquilamente uma palavra crítica”, disse Santos no programa Roda Viva, em 1997.

Além da teoria dos circuitos urbanos, o geógrafo trouxe ideias que aprofundaram a compreensão sobre as desigualdades. Para Santos, o espaço nunca foi apenas o cenário onde a vida acontece, mas o resultado direto de decisões políticas e

econômicas. Isso significa que a distribuição desigual de infraestrutura nas cidades (saneamento, transporte ou acesso à internet) não é acidental, mas fruto de escolhas que privilegiam determinados grupos e territórios.

Ao olhar para uma periferia sem serviços básicos ou para uma área valorizada com alta concentração de investimentos, o geógrafo propõe enxergar ali não um acaso, mas a materialização de relações de poder. “Milton traz essa compreensão de uma geografia historicamente produzida pelos grandes aparatos do Estado. À medida que o capitalismo avança, processos de industrialização e urbanização no Brasil vão produzir desigualdades e destruição das economias locais. Seja do Nordeste, da Amazônia ou do interior dos estados. Determinados grupos sociais serão beneficiados pelo processo de modernização”, explica Catia.

No livro “Por uma outra globalização”, Santos descreve um sistema vendido como promessa de integração e progresso, mas que, na prática, aprofunda desigualdades mundiais. Grandes obras de infraestrutura, como portos e corredores logísticos, conectam países e mercados, mas também reorganizam territórios locais, pressionam comunidades e ampliam a concentração de riqueza. “Nunca na história da humanidade houve condições técnicas e científicas tão adequadas a construir o mundo da dignidade humana, apenas essas condições foram expropriadas por um punhado de empresas que decidiram construir um mundo perverso”, escreveu.

Outro conceito bem conhecido do autor, o “meio técnico-científico-informacional”, descreve como tecnologia, ciência e infraestrutura passaram a moldar o território. Na prática, isso se traduz em regiões altamente conectadas, com redes digitais avançadas e logística eficiente, convivendo com áreas onde faltam serviços básicos. Alguns espaços são preparados para atender às exigências do mercado global e outros permanecem à margem desse processo.

Apesar dos diagnósticos críticos, Milton Santos também apontou caminhos de transformação. Ele defendia que as mesmas redes e tecnologias que ampliam desigualdades podem ser apropriadas por populações locais para criar alternativas econômicas e sociais. Iniciativas comunitárias, uso de tecnologia em periferias e formas cooperativas de organização mostram, segundo o autor, que o território também pode ser espaço de resistência e reinvenção. “Ele propõe uma leitura sobre o território brasileiro, trazendo ferramentas para que a gente pense concretamente nas desigualdades, que não fique apenas no plano teórico, mas que nos induza a ir a campo. Além disso, ele faz uma proposta muito generosa para pensar o espaço, que é pensar o quanto a periferia urbana brasileira como um todo é capaz de produzir outras racionalidades de existência”, completa.